



## **Funk-se**

Texto de Rogério Blat

### **Personagens**

Cláudia e Kátia: típicas estudantes "classe-média-Zona-Sul"  
LUCIANO: rapaz do subúrbio, freqüentador de baile funk  
Lelé, Fátima, Cinira e Jurema: funkeiras; são da galera do "outro lado da linha do trem"  
Tereza e ODÍLIA: vizinhas; senhoras que moram juntas  
OTA: líder da galera do bairro de Luciano  
CAVALO: líder da galera do "outro lado da linha do trem"

Detetive Policial  
Pipoqueiro  
Galera do Bairro  
Galera do "outro lado"  
Repórter da TV  
Rapaz da Praia  
Senhor (Chefe de Família)  
Moça  
Gringo  
Senhora (moradora de Copacabana)  
Mãe de Kátia  
Dono do Clube  
D.J.  
Seguranças  
Assessor de Imprensa da Polícia  
Deus

<b>Cena (1.ª Parte)</b>	<b>Cena (2.ª Parte)</b>	<b>Local</b>	<b>Personagens</b>
I	XVIII		Cláudia e Kátia
II	XIX	rua	Ota, Luciano e galera do bairro
III	XX	casa das meninas entrada do baile	pipoqueiro, bilheteira, Lelé, Fátima, Cinira, Jurema, galera do bairro, galera do "outro lado", seguranças e D.J.
IV	XXI	janela	Odília e Tereza
V	XXII	quadra do baile	Cláudia, Kátia, Lelé, Fátima, Cinira, Jurema, Luciano, galera do bairro, galera do "outro lado" e bailarinos
VI	XXIII	beijódromo	Cavalo, Fátima e outros casais
VII	XXIV	rua (saída do baile)	Cavalo, Luciano e galera do "outro lado"
VIII	XXV	janela	Odília e Tereza
IX	XXVI	delegacia	detetive policial
X		casa de Kátia	mãe de Kátia
XI	XXVII	quarto de Cláudia	Cláudia e Kátia
XII	XXVIII	praia	repórter, rapaz, senhor, moça, gringo, senhora e multidão
XIII	XXIX	casa de Cláudia	Cláudia
XIV	XXX	casa de Kátia	Kátia e mãe
XV	XXXI	rua	Ota, Luciano e galera do bairro
XVI	XXXII	quadra do baile	Cláudia, Kátia, Luciano, Ota, Cavalo, galera do bairro, galera do "outro lado" e bailarinos
XVII	XXXIII	"depoimentos"	D.J., Odília, Tereza, dono do clube, Ota, Cavalo, assessor de imprensa, mãe de Kátia, Kátia, galera do bairro e galera do "outro lado"
<b>Final Intermediário</b>			
<b>Cena (2.ª Parte)</b>	<b>Cena (1.ª Parte)</b>	<b>Local</b>	<b>Personagens</b>
XVIII	I		DEUS, Cláudia e Kátia
XIX	II	rua	Ota, Luciano, galera do bairro e DEUS
XX	III	casa das meninas entrada do baile	Lelé, Fátima, Cinira, Jurema, pipoqueiro, bilheteira, , galera do bairro, galera do "outro lado", seguranças, D.J. e DEUS
XXI	IV	janela	Odília, Tereza e DEUS
XXII	V	quadra do baile	Cláudia, Kátia, Lelé, Fátima, Cinira, Jurema, Luciano, galera do bairro, galera do "outro lado", bailarinos e DEUS
XXIII	VI	beijódromo	Cavalo, Fátima e DEUS
XXIV	VII	rua (saída do baile)	Cavalo, Luciano, galera do "outro lado" e DEUS
XXV	VIII	janela	Odília, Tereza e DEUS
XXVI	IX	delegacia	detetive policial e DEUS
XXVII	XI	quarto de Cláudia	Cláudia, Kátia e DEUS
XXVIII	XII	praia	repórter, rapaz, senhor, moça, gringo senhora, multidão e DEUS
XXIX	XIII	casa de Cláudia	Cláudia e DEUS
XXX	XIV	casa de Kátia	Kátia, mãe e DEUS
XXXI	XV	rua	Ota, Luciano, galera do bairro e DEUS
XXXII	XVI	quadra do baile	Cláudia, Kátia, Luciano, Ota, Cavalo, galera do bairro, galera do "outro lado", bailarinos e DEUS
XXXIII	XVII	"depoimentos"	D.J., Odília, Tereza, dono do clube, Ota, Cavalo, assessor de imprensa, mãe de Kátia, Cláudia, galera do bairro, galera do "outro lado" e DEUS

## **CENA I - XVIII**

(Cláudia e Kátia se encontram.)

CLÁUDIA: Kátia! Foi DEUS que te mandou! Tava pensando nesse instante em você.

KÁTIA: (Beijando a amiga.) Não te vejo há 3 dias. Tá de namorado novo?

CLÁUDIA: Que nada! Tô bolando uma coisa genial e preciso da sua ajuda.

KÁTIA: Se for outra Rave "daquelas", tô fora...

CLÁUDIA: Nada disso. O lance é outro. Preciso fazer um trabalho pra faculdade de jornalismo sobre comportamento... Tipo matéria, entendeu?

KÁTIA: Essa tua faculdade de Jornalismo é chata, hein?

CLÁUDIA:... Aí, fiquei pensando em vários temas e não achava nenhum que me satisfizesse.

KÁTIA: Xí, lá vem você...

CLÁUDIA: De repente, abri o jornal e tava lá!

KÁTIA: ... Artistas... Claro... Socialites!

CLÁUDIA: Calma, já vou te contar. Primeiro quero que você prometa me ajudar, ou seja, ir comigo fazer as entrevistas.

KÁTIA: Claro, Claudinha! Não vou falhar com a minha melhor amiga.

CLÁUDIA: Baile funk.

KÁTIA: O que?

CLÁUDIA: Baile funk!

KÁTIA: Nem por um cacete.

CLÁUDIA: Deixa te explicar...

KÁTIA: Tá doida? Maior barra pesada, sujeira, robada!

CLÁUDIA: A questão é essa mesmo: até hoje, tudo o que se sabe a respeito de baile funk vem embrulhado em preconceito.

KÁTIA: É muito arriscado se meter com essa gente...

CLÁUDIA: Você já prometeu.

KÁTIA: Eu "desprometo", pronto!

CLÁUDIA: Preconceito!

KÁTIA: Não é isso...

CLÁUDIA: Tá com medo de que? (Kátia fica em silêncio.) Medo de funkeiro? Bobagem, Katinha. (Sedutora) Olha só: o endereço de um baile bacana, sem perigo algum. Vai ser super-divertido.

KÁTIA: Tá legal, eu topo!

CLÁUDIA: Sabia!

KÁTIA: Mas só dessa vez. Depois você arruma outra vítima pra te fazer companhia.

CLÁUDIA: Passo na sua casa às onze, OK?

KÁTIA: (Pensando alto.) Tô ferrada!

## **CENA II - XIX**

(Fim de tarde. Luciano chega do trabalho e dirige-se para sua casa, no pé do morro. Encontra seu amigo Ota e integrantes da galera. Luciano traz um pacote.)

OTA: Olha só, Luciano chegando do trampo. Até ganhou presentinho da chefia.

LUCIANO: Presentinho? Onze meses de prestação. Mais de dez por cento do meu salário.

INTEGRANTE 1: Melhor nem fazer conta pra não se arrepender.

LUCIANO: Qual foi? Esse é o sonho da minha vida. (Abre o pacote, mostrando.) L.A. Gear, autêntico.

TODOS: Arrasou! Caraca!

LUCIANO: Que isso! É um modelo bem simples...

OTA: Escuta só. Vai rolar um campeonato entre galeras e precisamos de você.

INTEGRANTE 2: Tamos fracos em relação à galera do outro lado da linha do trem... Mais de cinquenta.

OTA: Tu não pode ficar de fora. Afinal, a gente é amigo desde pivete ou não é?

LUCIANO: Aí, Ota, admiro você, tenho o maior respeito pela rapaziada, mas pra mim não dá. Tô atrás dumas gatinhas e se me juntar a vocês, acabaram minha conquistas.

INTEGRANTE 3: Mas vai ser só duas ou três semanas.

OTA: Além do mais, vai tá assim de mulher.

LUCIANO: Sinceramente, se eu puder ajudar em alguma coisa, pode contar comigo. Mas se juntar com a galera, tô fora. Te vejo no baile.

OTA: Pô, Luciano... Vai deixar a gente na mão?

LUCIANO: Desculpa aí, pessoal, mas não vai dar mesmo!

(Todos saem atrás de Luciano, menos um dos integrantes que fica de olheiro, esperando um integrante da galera rival que sai do seu esconderijo.)

RIVAL: Pô cumpade! tu não sabe que é o maior risco tá aqui na sua área? Cumé que é? Trouxe?

INTEGRANTE: Tá em cima. Manda.

RIVAL: Primeiro eu quero ver se é como você disse.

INTEGRANTE: (mostrando uma faca muito bonita e brilhante) Dá uma olhada na menina! É cabacinho, nunca sangrou ninguém!

RIVAL: É o terror! Negócio feito...mas tem o seguinte: abriu a boca, morre. (sai)

INTEGRANTE: (repetindo a cena de Luciano) Nike autêntico! Yeah!

**CENA III - XX**

(Um rádio sintonizado na rádio funk está ligado. As meninas da galera do Cavalo se preparam para ir ao baile.)

Jurema: O negócio é o seguinte: Temos que arrumar um namorado hoje!

LELÉ: Isso é comigo mesma!

CINIRA: Num sei não. Homem gosta de mulher mais amadurecida.

FÁTIMA: Olha a cara de criança que a Lelé tem.

JUREMA: Não há batom que disfarce!

LELÉ: Vamos parar de "urucuzar", pô!

CINIRA: Ai! Tô indisposta hoje...Só vou ao baile prá arejar. Não quero nem saber de homem.

FÁTIMA: Ih, tá brabo mesmo, hein?

(A música de fundo passa para o primeiro plano. Um D.J. anuncia o baile da noite)

D.J.: Fala negão. Hoje é sexta feira; dia que você esperou semana inteira prá balançar o esqueleto. Então, você que tá ligadinho na rádio Comunidade, não pode perder o melhor baile da região, lá no clube Vila Verde. As equipes de som prometem estremecer o quarteirão. Vai ter prêmio pra galera mais animada e o melhor: mulher...só paga meia.

(As meninas comemoram e saem de cena. Entrada do baile. Tumulto de pessoas. A galera da rua de Luciano já está na fila e a galera do outro lado da linha do trem chega na maior bagunça. Seguranças tentam organizar uma fila. Um baleiro oferece pipocas, balas e cocadas.)

PIPOQUEIRO: Olha a bala. Cocada caseira! Pode comer sem medo que lá em casa é tudo limpinho: da patroa às baratas. Cumé que é gente? Preciso garantir o meu. Sei que tá difícil pra todo mundo, mas pros pobre tá pior! Principalmente pra ex presidiário. Vamos comprando antes que eu tenha uma recaída.

BILHETEIRA: Assim não dá, pessoal! Vamos organizando essa fila aí! (As galeras vão a bilheteira.) Quem não tiver dinheiro trocado não vai entrar!

(Todos xingam e vão. Jurema, Lelé, Cinira e Fátima chegam nervosas para se juntarem a galera do outro lado.)

JUREMA: Tô precisando uma entera pro meu ingresso.

LELÉ: Eu também tô dura. Maior sufoco arrancar essa micharia da velha.

FÁTIMA: Pois eu montei na grana. Olha só!

JUREMA: Menina! De onde saiu essa nota?

FÁTIMA: Ué, foi meu pai quem me deu, como se fosse minha 13.<sup>a</sup> mesada.

(Todas riem, fazem um cumprimento funk e entram na fila. As galeras forçam a entrada, uns empurrando os outros.)

#### **CENA IV - XXI**

(As vizinhas do clube espiam, através da janela, a movimentação da entrada do baile.)

ODÍLIA:(Usando binóculos.) Veja só que barbaridade, Terezinha.

TEREZA: (Tomando o aparelho.) Deixa eu ver. Santa Virgem! Isso não é gente! Parece tudo índio!

ODÍLIA:Isso não pode continuar! Precisamos tomar uma providência! Amanhã mesmo, vou falar com o Padre José para organizar um abaixo-assinado. ACABAR COM ESSE BAILE!

TEREZA: Olha o shortinho daquela ali. Todo enfiado no rego!

ODÍLIA:Deixa eu ver um pouco. Que pouca vergonha! Terezinha, isso já passou dos limites. O pior é que essa música mexe com os meus nervos!

TEREZA: Calma, Odília. Toma o seu chazinho de capim cidreira com maracujá.

ODÍLIA:Quem consegue dormir com um barulho desse?

TEREZA: Põe algodão no ouvido e cobre a cabeça com o travesseiro. (Põem os algodões.)

ODÍLIA:Pode escrever: esse baile vai acabar mal.

Tereza: O QUE?

ODÍLIA:(Gritando.) EU DISSE QUE ESSE BAILE VAI ACABAR MAL.

## **CENA V - XXII**

(Pista de dança do salão. Todos dançam. Cláudia e Kátia tentam cercar os bailarinos para que respondam a perguntas. Todos estão arredios.)

CLÁUDIA: Pô, sacanagem! Ninguém quer dar entrevista!

KÁTIA: Tá todo mundo meio desconfiado, Cláudia...

CLÁUDIA: Acho que eles não estão entendendo o que a gente quer.

KÁTIA: Tô gritando o mais alto que posso.

CLÁUDIA: Não desisto fácil, não! Olha lá... Tá chegando uma galera. (Cláudia se dirige até Luciano.) Oi, posso tomar um minutinho do seu tempo? Tô fazendo uma matéria de jornal pra faculdade e gostaria que você respondesse algumas perguntas.

LUCIANO:Tudo bem, vamo lá.

(Kátia cerca o grupo das meninas do outro lado da linha, indo direto para Jurema, que ensaia uns passos com as amigas.)

KÁTIA: Oi, estou fazendo uma pesquisa de comportamento...

Jurema: Que?

KÁTIA: Uma reportagem sobre baile funk.

JUREMA: E daí?

KÁTIA: Será que dá pra você responder umas perguntas deste...

JUREMA:Pô, que saco! Tá me fazendo errar a coreografia.

LELÉ: Qualé, ô princezinha? Tá no baile pra atrapalhar?

CINIRA: Olha só a pinta de patricinha.

KÁTIA: Tira a mão, tira a mão!

FÁTIMA: Que qui é? Vai encarar?

KÁTIA: Vou encarar sim!



CINIRA: Tu vai acabar tomando um tapa!

(A discussão chama a atenção de Cláudia e Luciano.)

KÁTIA: E quem vai dar? Você, pirralhinha?

(As meninas ameaçam Kátia dando empurrões, antes de estourar a briga. Luciano e Cláudia interferem.)

LUCIANO: Calma aí, galera! Calma aí! Nada de briga. O baile tá começando, vamos dançar em paz.

CINIRA: (Para Luciano.) Solta meu braço!

LELÉ: É a bacaninha aí que tá se metendo com a gente.

FÁTIMA: Atrapalhou a nossa dança de propósito!

KÁTIA: Escuta aqui, ô...

CLÁUDIA: Calma, Kátia. Fica na sua.

LUCIANO: Peço desculpas pelas meninas, tá legal?

JUREMA: Se meter com a gente de novo, vai levar porrada.

LELÉ: É isso aí!

FÁTIMA: Você não é o Luciano?

LUCIANO: Sou sim.

FÁTIMA: O Cavalo não vai gostar de saber que você tá andando com essas aí.

LUCIANO: Problema dele! O Cavalo não manda na minha vida e também não tenho medo de nada porque tô em paz com todo mundo. (Para Kátia e Cláudia.) Vamos chegar pro outro lado da quadra. (As meninas vão e xingam Luciano, Kátia e Cláudia.) Não levem a mal. Isso vive acontecendo.

KÁTIA: Você foi muito legal em me ajudar.

CLÁUDIA: Áa tomar a maior surra!

LUCIANO: Não suporto ver briga de mulher. Você tá sozinha?

CLÁUDIA: Não. Tá comigo.

LUCIANO: Ah... na reportagem.

KÁTIA: Você vem sempre ao baile?

CLÁUDIA: (Para Kátia) É melhor a gente ir embora.

LUCIANO: Todo fim-de-semana. O baile é o melhor lugar do mundo! Claro que às vezes essas coisas acontecem. (Riem.)

KÁTIA: Eu tô achando o máximo!

CLÁUDIA: Kátia, vamos nessa.

LUCIANO: Por que tanta pressa? O melhor ainda vem por aí!

KÁTIA: E a matéria?

CLÁUDIA: Não tem mais clima pra jornalismo, não é?

LUCIANO: (Para Kátia) Quero tornar a te encontrar.

KÁTIA: Aqui no baile, sexta que vem?

LUCIANO: Combinado! Qual é o seu nome?

KÁTIA: É Kátia.

LUCIANO: Luciano. Muito prazer.

(Pinta um puta clima.)

CLÁUDIA: E o meu é Cláudia... Se interessar...

LUCIANO: Se quiser posso ajudar na sua reportagem.

KÁTIA: Claro que sim!

CLÁUDIA: A reportagem é minha e agora nós temos que ir. Tchau.

LUCIANO: Kátia... Posso ficar com o número do seu celular?

KÁTIA: Sexta, sem falta! (Cláudia puxa Kátia para fora do salão.)

### **CENA VI - XXIII**

(O baile entra na etapa de música lenta e beijódromo. Fátima dança com Cavallo.)

CAVALLO: Aí, Fatiminha, como você tá linda!

FÁTIMA: Sabe, Cavallo, queria te contar uma coisa.

CAVALLO: Conta... Conta tudo.

FÁTIMA: Sabe o Luciano?

CAVALLO: Hummm...

FÁTIMA: Falou que não tem medo de você!

CAVALLO: Ah, é?

FÁTIMA: Veio se intrometer na nossa briga com duas bacaninhas da Zona Sul que provocaram a gente.

CAVALLO: (Ficando puto.) Mas de que lado ele ficou?

FÁTIMA: Das patricinhas, claro. Até machucou a Lelé!

CAVALLO: (Puto, parando de dançar.) Tá ferrado. Vou quebrar a cara dele!

### **CENA VII - XXIV**

(O beijódromo se desmancha. Fim do baile. Luciano anda a pé e dá de cara com a galera do outro lado.)

CAVALLO: Olha só, galera... Esse não é o Luciano?

INTEGRANTE 1: O protetor das patricinhas.

INTEGRANTE 2: (DEBOCHANDO) Nossa! Meu herói!

(Todos riem.)

LUCIANO: Qual é, Cavalo? Nós sempre tivemos nos mesmos bailes e nunca nos desentendemos...

CAVALO: Por isso quero que você repita na minha cara o que anda dizendo por aí.

LUCIANO: Dizendo o que?

INTEGRANTE 3: Ih, já se esqueceu...

CAVALO: Tu é muito cara de pau. Num sabe não, que briga de mulher não se aparta?

INTEGRANTE 4: Torceu o braço da Lelé, né compade?

LUCIANO: Peraí, pessoal. Acho que tá havendo algum mal enten...

CAVALO: Que qui a gente faz com ele, galera?

INTEGRANTE 5: Dá logo um teco nele...

INTEGRANTE 6: Melhor é deixar ele vivo, mas quebradinho, osso por osso.

INTEGRANTE 2: Aí, Luciano... Vai sujar a roupinha de sangue!

INTEGRANTE 1: Olha só, galera: cuidado pra não desmanchar o penteado dele.

INTEGRANTE 4: O defensor das bacaninhas oprimidas.

LUCIANO: Pô, Cavalo... Covardia... Seis, sete contra um...

CAVALO: Tá se borrando de medo agora, não é? Mas vou te dar uma vantagem. Vou contar até dez e aí a gente corre atrás. Um... Dois... Três...

(Luciano sai correndo e antes de chegar no "cinco", a galera sai atrás.)

**CENA VIII - XXV**

(Odília e Tereza correm para ver que gritaria é aquela.)

TEREZA: Corre, Odília, vem ver... É briga!

ODÍLIA:(Chegando com o binóculo.) Deixa eu ver... Ai, meu DEUS! Sabia!

TEREZA: Será que aquele que tá correndo é ladrão?

ODÍLIA:Pra mim, preto quando core é ladrão ou traficante... Pegaram ele!

TEREZA: Empresta um pouco... Não tô vendo direito...

ODÍLIA:Mais pra esquerda... Mais...

TEREZA: Aí, tá escuro... Achei!... Coitado... Não consegue nem se defender... Odília, precisamos comprar um binóculo com lentes intra-vermelhas, pra enxergar no escuro.

ODÍLIA:(Tomando o binóculo.) Você que não sabe focar... Dá pra ver tudo em detalhes... Tão quebrando ele, Terezinha.

TEREZA: Isso já não é briga, é linchamento. Que violência, meu DEUS!

ODÍLIA:Terezinha... Tô passando mal só de ver...

TEREZA: Vou ligar pra polícia!

ODÍLIA:Liga!... Liga!...

## **CENA IX**

(Um telefone toca insistentemente. O detetive policial de plantão, depois de acordar, atende.)

DETETIVE POLICIAL: Delegacia... DE-LE-GA-CI-A! Sim... Pode falar... (Ouve a denúncia.) Sei... Baile funk... Sei... Escuta aqui, minha senhora, são mais de seis da manhã e é hora de troca de turno. Não tem ninguém... (Sendo interrompido.) Sei... Dá o endereço, então... (Finge anotar.) Rua do Alemão, Clube Vila Verde... Sei... Assim que puder, eu mando uma viatura... Pode esperar... (Desliga.) Vai esperar sentada... Quero que esses funkeiros se arreentem!

## **CENA X**

(Mãe de Kátia lê a notícia no jornal.)

**MÃE DE KÁTIA:** Briga na saída de baile funk. Galeras freqüentadoras de bailes funks entraram em confronto nesta madrugada, causando depredações nas vizinhanças do Clube Vila Verde. O conflito deixou um rapaz ferido, que foi socorrido por moradores da região. Tudo indica que a guerra entre as galeras tem como causa, a disputa pelos pontos de distribuição de drogas e tráfico de armas. (Parando de ler.) Que horror! Onde nós estamos? Como uma pessoa pode viver sossegada, numa cidade tomada pelos marginais?

## **CENA XI**

(No quarto de Cláudia, Kátia e Cláudia conversam.)

**KÁTIA:** Você está meio esquisita comigo.

**CLÁUDIA:** Não... Não é nada. Impressão sua. Fiquei desanimada com o lance da matéria, só isso!

**KÁTIA:** Desanimada? Mas o baile funk é o máximo!

**CLÁUDIA:** Não é bem o baile funk que tá te deixando assim tão alegrinha, né?

**KÁTIA:** Pra ser sincera estou completamente apaixonada por aquele cara, o Luciano.

**CLÁUDIA:** Só cego não viu.

**KÁTIA:** Foi amor a primeira vista... Nunca tinha acontecido antes!

**CLÁUDIA:** E o que você vai fazer?

**KÁTIA:** A burra aqui não quis dar o telefone pra ele... Bom... Pelo menos marquei de encontrá-lo no próximo baile, mas pintou um medo de não conseguir achá-lo naquela multidão.

**CLÁUDIA:** Fora o risco de cruzar com aquelas pivetinhas.

**KÁTIA:** Quer saber? Vou de qualquer jeito. Quem não arrisca, não petisca.

**CLÁUDIA:** Xí, tá gamadona mesmo, hein?

KÁTIA: Não sei se vou agüentar ficar até sexta-feira sem falar com ele.

CLÁUDIA: Já que sou sua amiga, vou te dar um petisco.

KÁTIA: O que?

CLÁUDIA: Surpresa! (Mostra uma ficha.) Aqui temos a entrevista de Luciano. Seu funkeiro-príncipe-encantado.

KÁTIA: Não acredito! Deixa eu ver!

CLÁUDIA: (Fazendo suspense.) Com telefone do trabalho e tudo!

KÁTIA: (Tomando a ficha.) Não posso acreditar!

CLÁUDIA: Pensei muito, antes de te entregar isso, e ainda tenho dúvidas se estou agindo certo.

KÁTIA: Agindo certíssima! Obrigada, Cláudia. Você é demais.

CLÁUDIA: (Passando o telefone.) Tá esperando o que, pra ligar?

KÁTIA: Tem só uma coisa: minha mãe não pode saber de nada, OK?

CLÁUDIA: Do jeito que ela é, no mínimo ia ter um enfarte.

(Riem à beça.)

## **CENA XII**

(Arrastão, correrias, gritos e empurrões. Uma repórter de TV faz entrevistas sobre o inusitado acontecimento.)

REPÓRTER DE TV: Estamos aqui, na praia (de Ipanema), onde cerca de uma hora atrás, aconteceu um arrastão organizado por galeras de baile funk que mais uma vez invadiram as praias da Zona Sul em busca de rivalidades. Vamos entrevistar algumas vítimas desse violento domingo ensolarado de verão. (Para um rapaz.) Como foi que tudo começou?

RAPAZ DA PRAIA: Como começou eu não sei. Quando eu saí da água com a minha prancha, só vi aquele bando de suburbanos correndo na minha direção. Não deu tempo de fazer nada. Uns quinze caíram em cima de mim, dando socos e pontapés. Só sobrevivi porque o pessoal do surf me acudiu a tempo.

REPÓRTER DE TV: Muito obrigada. E o senhor? Também testemunhou a confusão?

SENHOR: Estava na praia com a minha mulher e os meus filhos, quando o dia virou noite: tudo escuro. Eram mais de vinte mil funkeiros que entoavam um grito de guerra. Eu e a minha família ficamos cercados por aqueles mulatos. Empunhei o pau da barraca e fui abrindo caminho até a calçada. Minha mulher está traumatizada e as minhas crianças estão chorando até agora.

REPÓRTER DE TV: Que idade têm os seus filhos?

SENHOR: A menina tem 17 e o garoto 19. Mas essa praia é nossa. Domingo que vem, virei a praia armado. Quero ver quem vai chegar perto.

(Uma moça se intromete na entrevista.)

MOÇA: Isso mesmo! Temos que tomar providências enérgicas contra essa gentalha. PENA DE MORTE pros funkeiros.

(Todos clamam pela sugestão da moça.)

REPÓRTER DE TV: Quem viaja para o exterior, sabe como é difícil manter a boa imagem desse país. O que dirá então aquele turista quando retornar a sua pátria? Vamos até ele...(para o turista) O que você está achando de tudo isso?

GRINGO: Eu já viajei mucho e nunca vivi una pesadilla como esta. Não sou turista não! Tenho muito dinheiro empleado neste país, pero se las cosas continuarem así, cambiaré la rota de mí investimento.

REPÓRTER DE TV: E qual é o seu tipo de negócio?

GRINGO: Trabajo con importación e exportación de produtos...químicos.  
(Começa uma nova confusão)

REPÓRTER DE TV: Vejam essa senhora tão desesperada que conseguiu escapar da pancadaria. A senhora ficou com medo?

SENHORA: Fiquei apavorada, minha filha. Foi uma bagunça dos diabos. Pensei que era a "revolução dos pobres." Fiquei tão perdida, que na confusão acabei ficando com uma cadeira que não é minha. Tô até agora procurando o dono pra devolver.

REPÓRTER DE TV: O mais incrível é que o policiamento não foi suficiente para reprimir o saque à Zona Sul, efetuado pelos funkeiros, que atacaram indiscriminadamente banhistas,



ciclistas, autistas e intelectuais. Voltamos a qualquer momento ao vivo aqui da praia do Leblon.

### **CENA XIII**

(Cláudia viu pela TV e está indignada.)

CLÁUDIA: Que sacanagem! Isso não é verdade. No máximo foi uma briga entre galeras. Estão querendo manipular a opinião pública contra os funkeiros. Violência tem em qualquer lugar, pô!

### **CENA XIV**

(Mãe de Kátia está horrorizada e comenta com a filha.)

MÃE DE KÁTIA: Você viu o que aconteceu na praia, Kátia? Milhares de funkeiros desocupados assaltaram os banhistas. Deu na TV.

KÁTIA: Funkeiros?

MÃE DE KÁTIA: Isso mesmo. Uma convulsão social sem precedentes. Bem que o falecido Figueiredo avisou que a favela ia invadir a Zona Sul. Eu não saio mais de casa.

KÁTIA: Bobagem, mãe. Isso deve ter sido alguma briga na praia.

MÃE DE KÁTIA: Briga? É guerra de pobre contra rico. Você tá proibida de ir à praia enquanto as autoridades não tomarem uma providência.

KÁTIA: Que providência, mãe?

MÃE DE KÁTIA: Sei lá... Cercar a praia... Melhor: MURAR A ZONA SUL!

### **CENA XV**

(Luciano encontra a galera da sua rua e é abordado por Ota.)

OTA: Aí, Luciano. O pessoal tá injuriado com a surra que você tomou da galera do outro lado da linha.

INTEGRANTE 1: Covardia te pegarem sozinho.

INTEGRANTE 2: Vamos fazer justiça.

LUCIANO: Calma, galera.

OTA: Calma? Não sei com não te vestiram o pijama de madeira, e você quer calma?

(Toda a turma concorda.)

LUCIANO: Não quero revanche nenhuma. Só proteção.

INTEGRANTE 3: Vai ficar na galera?

LUCIANO: Vou. Topo até participar do concurso, mas sem brigas.

OTA: Irmãozinho Luciano, sabia que podia contar com você.

LUCIANO: Só que tem o seguinte: quero cobertura pra minha namorada e pra amiga dela, que estão fazendo um trabalho sobre o funk. Não quero decepcioná-las, tá falado?

INTEGRANTE 4: O que depender da gente, tu já sabe...

OTA: Vamos então ensaiar sexta-feira antes do baile lá em casa.

LUCIANO: Tô dentro. Vou mostrar pra vocês o funk que eu sei dançar.

(Todos comemoram.)

## **CENA XVI**

(Sexta-feira, à noite. Salão de baile. A galera do outro lado da linha está à direita do espaço e a galera de Luciano chega tomando o lado oposto. Cláudia, a princípio tímida, enturma-se logo. Luciano e Kátia buscam um lugar para namorar enquanto Ota rege a coreografia.)

LUCIANO: Conte os dias e as horas pra te encontrar.

KÁTIA: Eu também tava ansiosa pra ficar com você. Tive que lançar o maior caô lá em casa. Minha mãe ficou apavorada com o arrastão e não quer mais que ninguém saia de casa. Imagine se ela sabe que a sua filhinha frequenta baile funk.

LUCIANO: Sua família jamais vai aceitar o nosso namoro.

KÁTIA: Não me diga que você tá pensando em ir até a minha casa e me pedir em casamento para os meus pais...

LUCIANO: Falando sério: estou completamente apaixonado por você.

KÁTIA: Eu também te amo muito.

(Beijam-se. A música recrudesce, as galeras impõe-se através das coreografias. Todos tentam exhibir-se com surpreendentes passos e piruetas. Cláudia já está na primeira linha de bailarinos que provocam a galera do outro lado. Aos poucos, a dança vai tomando o formato de briga. O funk fica mais pesado e os ânimos se incendeiam de vez. Ota e Cavalo se desafiam verbalmente.)

OTA: É melhor tu abrir mais espaço pra nós que sabemos dançar.

CAVALO: Vem buscar espaço se tu for macho!

OTA: Sou mais macho que você! Quando eu brigo é contra um. Tu que é covarde de enfrentar o Luciano sozinho!

CAVALO: Aquele babaca é um frouxo. Se quiser pode mandar toda a sua galera contra mim. Arrebento um por um.

OTA: Ah, é? Então quero ser o primeiro.

(Ota dá uma porrada em Cavalo. Este revida e os dois se atacam enquanto uma clareira é aberta na pista. A briga chama a atenção de Luciano e Kátia, que estavam alheios à tudo.)

LUCIANO: Merda! Vai começar tudo de novo. Preciso apartar o Ota do Cavalo...

KÁTIA: Não se mete, Luciano.

LUCIANO: Eles devem estar brigando por minha causa...

KÁTIA: Não vá, Luciano. Não... (Luciano avança para separar os adversários quando alguém da galera do outro lado, ataca Luciano com uma faca inúmeras vezes.) Luciano!

(Kátia corre para ampará-lo. Todos ficam imóveis, olhando Luciano caído. Kátia está em estado de choque. Cláudia corre para ajudá-la.)

CLÁUDIA: Assassinos! Assassinos! Socorro! Ajudem aqui!

(A multidão fecha um círculo sobre eles, abafando os gritos de Cláudia.)

## CENA XVII

(Um rádio sintonizado no programa funk anuncia o cancelamento temporário do baile funk no Clube Vila Verde.)

D.J.: O Clube Vila Verde suspendeu os seus bailes por tempo indeterminado, depois de ter ocorrido um crime em suas instalações. Quem perde é a galera do funk, com um lugar a menos para dançar. São seis horas da tarde: interrompemos nossa programação para a Ave Maria e voltaremos já.

(O funk que está tocando em playback dá lugar à hora da Ave Maria, que começa a emoldurar os seguintes depoimentos.)

ODÍLIA: Cansei de falar que esses bailes iam acabar mal. Eu e a Terezinha ficávamos escandalizadas com as coisas que víamos na porta daquele salão.

Tereza: Imagine o que acontecia lá dentro, então!

ODÍLIA: Fizemos abaixo-assinado, mas a vizinhança ficou com medo de assinar.

TEREZA: Escrevemos pro jornal que publicou a nossa carta toda cortada. Cheia de "sic" e pontinhos.

ODÍLIA: Reticências, Terezinha. Também não adiantou nada. Não tomaram providência nenhuma.

Tereza: Fomos direto então falar com o dono do clube, um sujeito mal-encarado...

ODÍLIA: ... forte...

Tereza: ... estúpido...

ODÍLIA: ... um cafajeste perfeito!

TEREZA: Nos botou de lá pra fora. Disse: "Os incomodados que se mudem!"

ODÍLIA: Ele é o culpado de tudo!

Tereza: Isso mesmo! Justiça! Queremos justiça!

DONO DO CLUBE: Tudo conversa fiada! Meu baile é o mais seguro da região! Tenho segurança treinado em academia. Revistamos todos que entram no baile: sapato, boné, até nos vão da perna! O problema é que essa molecada sempre dá um jeito de ludibriar a gente. A violência do baile vem de fora: são as galeras que trazem suas rixas pro salão.

OTA: Nossa não! A culpa é da galera do outro lado da linha do trem, que começou com as brigas. Nossa galera sempre foi ao baile só pra se divertir!

CAVALO: Esse Luciano machucou uma das meninas da galera. Foi ele que começou tudo. A gente não pode deixar barato quando mexem com as meninas, não é? Outra coisa: a gente só anda armado pra se defender...

OTA: Agora corremos mais perigo ainda! Tem uns hõmi rondando as redondeza, desde aquele baile. Não se sabe se é polícia ou extermínio. Tenho que me garantir, não é cumpade. (Mostra um revólver.)

ASSESSOR DE IMPRENSA DA POLÍCIA: Ficamos surpresos com a declaração das galeras, pois a Corporação sempre apoia os baile funk, e sabe da importância que este movimento cultural representa para essa juventude, que encontra ali sua única forma de divertimento. Neste fato isolado, o incidente ocorrido no baile Vila Verde, apuramos que os verdadeiros culpados foram dois elementos do sexo feminino, oriundos da Zona Sul, que provocam o desafeto entre as galeras.

(Cláudia rasga sua pesquisa.)

MÃE DE KÁTIA: Eu e o meu marido estamos chocados com o envolvimento de nossa filha nesse "crime." Ai, meu DEUS! Nem gosto de falar essa palavra! Mas estamos dispostos a ajudar no que for necessário para esclarecer esse acontecimento. Kátia irá se apresentar para depor, assim que se recuperar do profundo estado de depressão em que se encontra. Tivemos que colocá-la sob observação médica, com acompanhamento psiquiátrico. Em breve estará recuperada...

(Neste meio tempo, Kátia está sendo dominada por dois enfermeiros que lhe aplicam uma injeção. Aos poucos, seus gritos tornam-se gemidos e, antes de perder os sentidos, articula com dificuldade...)

KÁTIA: ... Fodam-se...

## **FINAL INTERMEDIÁRIO**

### **CENA XVIII - I**

(Fecha-se a cortina, acende-se a luz da platéia. Um homem, trajando um terno impecável, entra no palco.)

DEUS: Parem a música! Um minuto de atenção, pro favor! Caso alguém ainda não tenha me reconhecido, gostaria de me apresentar: eu sou DEUS em pessoa e optei em adquirir esta forma física para não causar estragos irreparáveis a vocês, caso me apresentasse em todo meu esplendor! Estou aqui para intervir nesta história, coisa que não costumo fazer habitualmente, pois considero o livre-arbítrio sagrado. Porém, convenhamos que hipocrisia tem limite. Convido a todos vocês a reverem a peça, que sob a minha influência, tomará novos rumos. Na minha presença as secretas verdades virão à tona. (Para a técnica.) Por favor, apaguem a platéia e toquem novamente o terceiro sinal! (Faz um gesto e reinicia o espetáculo.)

(Kátia e Cláudia se encontram. DEUS as acompanha.)

CLÁUDIA: Kátia! Foi DEUS que te mandou! Tava neste instante pensando em você. Tô bolando uma coisa diabólica e preciso da sua ajuda.

KÁTIA: (Beijando a amiga.) Não te vejo há 3 dias. Tá de namorado novo?

CLÁUDIA: Que nada! Não tem homem nessa cidade, por isso resolvi fazer a minha matéria de jornalismo onde eles se encontram: baile funk!

KÁTIA: Puta idéia! Passo na sua casa às onze

CLÁUDIA: Vamos à caça!

### **CENA XIX - II**

(Fim de tarde. Luciano chega do trabalho e dirige-se para sua casa, no pé do morro. Encontra seu amigo Ota e integrantes da galera. Luciano traz um pacote.)

OTA: Olha só, Luciano chegando do trabalho forçado. Trouxe até um presentinho pra mim.

LUCIANO: Presentinho? Só quem trabalha pode se dar ao luxo de possuir esse produto. Mesmo pagando um ano de prestação.

INTEGRANTE 1: Será que tu vai viver tudo isso?

LUCIANO: Se eu partir dessa pra melhor, vou pra cova com ele. (Abre o pacote.) L.A. Gear, autêntico.

INTEGRANTE 1: Arrasou!

INTEGRANTE 2: Puta que pariu, maior máquina!

LUCIANO: Com esse daqui no pé, vou ser invejado por todo mundo.

OTA: Escuta só. Vai rolar um campeonato entre as galeras e tamos precisando de você. Tua adesão na galera vai fortalecer a gente. O Cavalo diz ter mais de duzentos. Se a gente não se juntar, a galera do outro lado da linha do trem vai dominar. E isso não pode acontecer. Tu não pode ficar de fora. Afinal, nós somos amigos desde pivete. Fizêmo muito avião junto.

LUCIANO: Aí, Ota, admiro você, tenho o maior respeito pela rapaziada, mas pra mim não dá. Olha só a minha pinta. Tudo marca. Nada de imitação. Esse cabelo eu corto lá em Copacabana. Relógio Casio original. Não dá pra me misturar com vocês. Além do mais, tô a fim de ir ao baile pra descolar uma trepada, por isso prefiro andar sozinho.

OTA: Mas vai tá assim de mulher pra pegar.

Integrante 3: Pô! Não é tu que gosta de aparecer?

Integrante 4: A gente quer você porque na galera porque te achamos metido pra caralho, falou? Só isso...

LUCIANO: Sinceramente, agradeço os elogios, mas tô fora. Vejo vocês no baile.

OTA: Quer dizer que você vai deixar a gente na mão?

LUCIANO: Me juntando a vocês, eu é que vou ficar na mão. (Faz gesto de masturbação. Todos saem xingando-o, menos o rapaz que aguarda o integrante da galera rival. Esta cena é a mesma do primeiro ato e se repete sem palavras. Um revólver é trocado agora por saco de pó")

INTEGRANTE: (Cheirando) Puta... essa é da boa!

### **CENA XX - III**

(Som da rádio Funk. As meninas estão em casa se preparando para o baile)

JUREMA: Negócio é o seguinte: temos que arrumar um homem nesse baile

LELÉ: Eu também quero!

CINIRA: Num sei não...homem gosta de mulher madura, que agüenta o tranco.

FÁTIMA:Criança só dá problema!

LELÉ: Vocês tem inveja porque sou mais nova.

CINIRA: Nova e louca pra dar!

FÁTIMA: Se engravidar vai ter que fazer igual a Jurema.

JUREMA: Nem fala. Tá doendo tudo por dentro. Só vou ao baile pra tomar um ar. Não quero saber de homem.

CINIRA: Depois desse aborto esquisito, nem eu ía querer.

(O som aumenta e o D.J. anuncia o baile da noite.)

D.J.: Fala negão! Hoje é sexta feira, dia que você esperou a semana inteira pra arrepiar, depois de ter passado fome, ter ralado pra cacete e ter sido discriminado pela sociedade. Mas ela chegou e você maluco, você gatinha, não pode perder o melhor baile do mundo, lá no clube Vila Verde. As equipes prometem arrasar o quarteirão. Vai ter prêmio pra galera mais violenta e o melhor: mulher virgem só paga meia!

(Só a Lelé comemora e as outras ficam putas da vida e saem de cena reclamando.)

(Porta do baile.)

PIPOQUEIRO: Aí, seus merdas. Bala pra todo mundo.(mostra um revólver) Pra quem não comprar principalmente. Hoje tô querendo faturar o meu. Vamo comprando cocada aí. Tá fresquinha! A patroa fez semana passada. Cumé que é? Tô ficando puto e aí eu perco a cabeça. Já matei e estrupei por muito menos.(para alguém na platéia) Come uma cocada aí ou vai tomar uma azeitona na testa.



(A galera da rua tumultua a fila e a galera do outro lado chega fazendo estardalhaço.)

BILHETEIRA: Assim não dá. Vamos organizar essa fila aí, putada!

TODOS: Putada é a mãe! Bruxa! Arrombada! Boqueteira! (Xingam.)

BILHETEIRA: Quem não tiver dinheiro trocado, vai se fuder comigo hoje.

(Todos xingam e vão. Jurema, Lelé, Ciníra e Fátima chegam nervosas para se juntarem a galera do outro lado.)

JUREMA: Aí... Vou precisar de uma entera no meu ingresso.

LELÉ: Eu também tô dura. Só tenho uns trocadinhos. Isso porque economizei a semana inteira pulando roleta de ônibus.

CINIRA: Ser pobre é uma merda, mesmo. Ai, meu DEUS! Por que não fui nascer numa família lá da Zona Sul, pra ter mesada decente?

Lelé: Praia todo dia...

JUREMA: Ir dançar naqueles lugares lá da Barra, nas boates...

FÁTIMA: Eu montei na grana: meu pai tomou um porre e aproveitei pra fazer uma coleta na carteira dele. O pior é que ele deu falta e pensou que tinha sido a minha mãe. Deu a maior surra na velha.

(Todas riem, fazem um cumprimento funk e entram na fila. As galeras forçam a entrada, uns empurrando os outros.)

## **CENA XXI - IV**

(As vizinhas do clube espiam, através da janela, a movimentação da entrada do baile.)

ODÍLIA: (Usando binóculos.) Veja só que nojeira, Terezinha.

TEREZA: (Tomando o aparelho.) Deixa eu ver. Puta que pariu, Odília! Isso não é gente! É pior que índio!

ODÍLIA: Isso não vai acabar nunca? Que fiz eu pra merecer esse castigo?

TEREZA: Olha o shortinho daquela ali. Dá pra ver até o ânus!

ODÍLIA: (Pegando o binóculos) Essas meninas de hoje, tudo biscate. Olha o que tem de homem...

TEREZA: Tudo de calção... Sem camisa...

ODÍLIA:Terezinha, tô uma pilha... Olha os meus nervos. Tudo à flor da pele.

TEREZA: Calma, Odília. Toma o seu chazinho com aguardente.

ODÍLIA:(Experimentando.) Tá fraco... Bota mais. (Tereza põe mais cachaça.) Sabe, Terezinha, pra falar a verdade, essa batucada mexe com os meus hormônios todos. Fico descontrolada... Violenta... Desejando sangue... Nem ver TV me satisfaz.

TEREZA: Posso também ser sincera? Fico rolando a noite toda na cama. É só fechar os olhos que parece cinema. Fico imaginando aqueles homens todos suados, musculosos, agarrando as moças nos cantos escuros, se esfregando...

ODÍLIA:Será que isso é normal, Terezinha?

TEREZA: Odília de DEUS! Quem, hoje em dia, pode dizer o que é e o que não é normal?

## **CENA XXII - V**

(Pista de dança do salão. Todos dançam. Cláudia e Kátia tentam cercar os bailarinos para que respondam aos questionários. Todos estão arredios. Seguranças vigiam)

CLÁUDIA: Porra, ninguém quer der entrevista nessa porra.

KÁTIA: Essa gente é muito atrasada. Nunca vi.

CLÁUDIA: Esses ignorantes não estão entendendo nada.

KÁTIA: Eu bem que falei pra você fazer reportagem sobre outra merda qualquer.

CLÁUDIA: Ah, mas eu não desisto fácil, não. Só que agora serei seletiva: só vou entrevistar homem.

KÁTIA: Pois eu vou entrevistar aquelas ali. Olha que coisa mais ridícula. Cada uma tem três mão de pintura na cara. (Kátia se dirige para o grupo das meninas do outro lado da linha,

indo direto para Jurema, que ensaia uns passos com as amigas. Cláudia cerca Luciano.) Dá licença? Tô fazendo uma matéria jornalística e...

JUREMA: Que?

KÁTIA: Ma-té-ria jor-na-lis-tí-ca, entendeu?

JUREMA: E eu com isso?

KÁTIA: Dá pra você parar de dançar, pra gente conversar direito?

JUREMA: Qualé, pô? Tá me desconcentrando na coreografia.

KÁTIA: Que coreografia? Isso nem dança é.

LELÉ: Qualé, ô princezinha? Veio da Zona Sul pra esculachar o baile da gente?

CINIRA: Olha só a pinta de piranha.

KÁTIA: Tira a pata de cima de mim.

FÁTIMA: Ai, que medo... Ela vai encarar.

KÁTIA: Encaro você, tuas coleguinhas e toda a comunidade onde você mora.

CINIRA: Tá doida? Tu vai é ganhar uns hematomas nesse rostinho babaca.

(Dá uma porrada nela. Kátia revida e todas caem em cima dela. Luciano deixa Cláudia para apartar a briga das meninas.)

LUCIANO: Calma aí, galera! Vamos separar... Nada de brigas nesse baile. Vamos para com isso.

CINIRA: (Para Luciano.) Ai! Você machucou meu braço.

LUCIANO: Cala a boca. Nem toquei em você.

KÁTIA: Deixa eu quebrar a cara dela.

LUCIANO: Calma aí. Fica na tua.

Lelé: Bacaninha se meteu com a gente, leva porrada.

JUREMA: É isso aí.

FÁTIMA: Você não é o Luciano?

LUCIANO: Sou sim. Por que?

FÁTIMA: Tá ferrado. Vou contar pro Cavalo que agora você é segurança de patricinha. Ele, que já não vai com a tua cara, vai ficar furioso.

LUCIANO: Ele que não se meta comigo, pra não ficar no prejuízo. Pra mim ele é um merda. (Para Kátia e Cláudia.) Vamos lá pro outro lado da quadra. (As meninas vão e xingam os três. Luciano abraça Kátia, ignorando Cláudia.) Tome cuidado. Aqui tudo é motivo de briga.

KÁTIA: Valeu a pena, por você ter ido me salvar.

CLÁUDIA: Ía tomar o maior pau!

LUCIANO: Não suporto ver briga de mulher bonita contra quatro barangas daquelas.

(Agarrando-a.) Acho que mereço uma recompensa.

KÁTIA: Quero te agradecer. Assim... (Beija-lhe a boca.)

LUCIANO: (Apertando-a.) Você é muito gostosa. Tá sozinha?

CLÁUDIA: Não. Tá comigo.

LUCIANO: (Ignorando Cláudia.) Ah... Na reportagem.

KÁTIA: Você vem sempre ao baile?

CLÁUDIA: Kátia, é melhor a gente ralar.

LUCIANO: Não tenho outro lugar pra ir... Mas o baile é o melhor lugar do mundo pra se divertir. Principalmente quando aparece alguém com você.

KÁTIA: Tô gostando cada vez mais.

CLÁUDIA: (Putá.) Kátia, vamos nessa!

LUCIANO: (Sacana.) O melhor ainda vem por aí...

KÁTIA: E a matéria pro jornal?

CLÁUDIA: Isso aqui tá mais com clima pra putaria, do que pra reportagem, não é?

LUCIANO: (Para Kátia.) Quero tornar a te encontrar. Namorar com você é só o que falta pra coroar o meu prestígio lá na comunidade.

KÁTIA: Gostei muito de você. Vamos nos encontrar sexta que vem, aqui no baile?

LUCIANO: Vamos transar agora, tesão.

KÁTIA: Preciso ir, senão vou perder a minha carona.

LUCIANO: Seu nome é Kátia, não é?

KÁTIA: E o seu?

LUCIANO: Luciano. (Puxa-a e lhe dá um beijo de despedida.)

CLÁUDIA: Tchau, Kátia. Já fui.

KÁTIA: Peraí, Claudinha...

## **CENA XXIII - VI**

(O baile entra na etapa de música lenta e beijódromo. Fátima dança com Cavallo.)

CAVALLO: Aí, Fatiminha, como você tá carnuda!

FÁTIMA: Sabe, Cavallo, queria te contar uma coisa.

CAVALLO: Conta... Conta tudo.

FÁTIMA: Sabe o Luciano?

CAVALLO: Sei... Aquele todo embonecado.

FÁTIMA: Falou que você é um merda.

CAVALLO: O que?

FÁTIMA: Te chamou de viado na frente de duas bacaninhas da Zona Sul, só pra se mostrar.

CAVALO: (Ficando puto.) Corno... Filho da puta.

FÁTIMA: Ainda por cima, torceu o braço da Lelé!

CAVALO: (Puto, parando de dançar.) Tá fudido. Vou acabar com ele!

## **CENA XXIV - VII**

(DEUS vê a hora, dá um bocejo e, depois de acabar com o baile, promove o encontro de Luciano com a galera do outro lado.)

CAVALO: Olha só, galera... A boneca do Luciano.

Integrante 1: O primeiro mauricinho da favela.

Integrante 3: Tu não sabe que é perigoso andar sozinho?

Integrante 2: Ele anda sozinho pra não se contaminar com os pobres.

LUCIANO: Qual é, Cavalo? Nunca fui com a tua cara, mas nem por isso nós somos inimigos.

CAVALO: Você é um canalha mesmo. Se tu for homem, diz na minha cara que eu sou um merda e um viado.

LUCIANO: Pô, deixa eu explicar...

Integrante 4: É bom você explicar também, porque a Lelé foi pro hospital enfaixar o braço.

LUCIANO: Deve estar havendo algum mal entendi...

CAVALO: Cumé que é? Tamos esperando...

LUCIANO: Quer saber? Vocês estão com inveja. Só eu tenho categoria aqui no pedaço pra comer menininha da Zona Sul.

INTEGRANTE 1: O cara não tem medo de morrer, Cavalo!

INTEGRANTE 5: Vamos torturar ele.

CAVALO: Se tu acredita em DEUS, pode começar a rezar. Tu vai passar desta pra melhor.

INTEGRANTE 3: Mas só depois que a gente te esfolar todinho.

LUCIANO: Ó, pra vocês. (Faz um gesto obsceno e sai correndo.)

CAVALO: Vamos lá, galera.

### **CENA XXV - VIII**

(Odília e Tereza correm para ver que gritaria é aquela.)

TEREZA: Corre, Odília... Você tá perdendo!

ODÍLIA: (Chegando com o binóculo.) Fui buscar o binóculo. (Focando.) Não dá pra ver nada.

TEREZA: Um bando correndo atrás dum cara. Tá vendo?

ODÍLIA: Pega. Pega ele. Quero ver sangue. Sangue.

TEREZA: Empresta um pouco... (Focando.) Como corre o desgraçado. Deve ser estuprador. Tão perseguindo ele prá fazer justiça. (Gritando.) Pega o tarado. Pega.

ODÍLIA: (Servindo-se de um copo de cachaça.) Não grita, Terezinha. Os vizinhos vão reclamar de novo.

TEREZA: Merda! Viraram a esquina. Não dá pra ver mais nada.

ODÍLIA: (Tomando o binóculo.) Ah, não! Isso não é justo. Depois de agüentar a noite inteira esse baile, será que eu também não tenho o direito a gozar um pouco de violência?

(DEUS aproxima-se delas.)

TEREZA: Odília! De repente senti um coisa tão estranha. Um aperto no peito, na alma, uma culpa.

ODÍLIA: Terezinha, e se aquele rapaz for um inocente trabalhador perseguido por assassinos? Precisamos fazer alguma coisa.

TEREZA: Vamos chamar a polícia. É nosso dever.

ODÍLIA: Afinal de contas polícia é pra isso... Ou não é?

## **CENA XXVI - IX**

(DEUS está na delegacia, onde um detetive atende o telefone depois de ter tocado insistentemente.)

DETETIVE POLICIAL: Delegacia... DE-LE-GA-CI-A, porra! O que?... Pode falar... Baile funk, tinha que ser... Onde?... Uns trinta contra um... Escuta aqui, minha senhora, vou falar a verdade: quando eu entrei pra Corporação, pensava que ser policial era ter uma viatura zerinho para rodar pelas ruas, ter armamento e apoio tecnológico, para junto a uma equipe competente, acabar com a violência nas ruas. Agora imagina tudo isso ao contrário... Imaginou?... Nem vou anotar o endereço. Não vai dar pra fazer nada mesmo!... Escuta, aqui, milagre só DEUS faz... Vagabundo é você. Tenho três empregos e trabalho 20 horas por dia pra sustentar minha família. Quer saber? A senhora tá é mal comida. Passar bem, entendeu? (Bate o fone.)

## **CENA XXVII - XI**

(DEUS folheia uma revista "Casa e Jardim" no quarto de Cláudia, que recebe a visita de Kátia.)

KÁTIA: Aí, Claudinha. Trouxe uma presença pra você.

CLÁUDIA: Grande Kátia. Tava na maior fissura. Esse verão tá foda, maior seca. (Reparando.) Ué, que cara é essa? (Acende o baseado.)

KÁTIA: Cláudia, tô sofrendo tanto...

CLÁUDIA: Que foi?

KÁTIA: Não consigo tirar aquele cara da cabeça. Nunca senti tanto tesão assim por alguém.

CLÁUDIA: Pô, vocês não marcaram de se encontrar?

KÁTIA: Marcamos, mas... Como vou encontrá-lo naquela confusão do baile? É uma chance em mil. Quero a entrevista do Luciano que você está escondendo de mim. (Pega o baseado.)

CLÁUDIA: (Contrariada.) Tá legal. Tá aqui. (Arranca o baseado de volta e entrega a ficha.) A ficha com as respostas. Tem telefone do trabalho e tudo.



KÁTIA: Não acredito. Vou ligar pra ele e combinar um ponto de encontro. Sabia que você ia me ajudar. Você também vai, né?

CLÁUDIA: Tô nessa. Depois que os meus pais souberam que fui no baile funk, ficaram apavorados. Queriam até me tirar da faculdade. Pois agora eu termino essa matéria nem que eu acabe torturada pelo tráfico.

KÁTIA: Ou pela polícia...

(DEUS, incomodado com o cheiro do baseado, passa desta cena para a próxima.)

## **CENA XXVIII - XII**

(Arrastão, correrias, gritos e empurrões. Uma repórter de TV dirige-se para um grupo de pessoas em busca de entrevistados. DEUS está entre eles.)

REPÓRTER DE TV: Estamos aqui na praia desde as 6 horas da manhã, torcendo para que houvesse um arrastão que, finalmente, acabou de acontecer. Galeras de baile funk se organizaram para invadir e tomar as praias da Zona Sul e até os edifícios, bancos e supermercados estão ameaçados de saque. Vamos entrevistar algumas vítimas deste domingo de sangue e ódio de verão. Você aí, pode nos contar como tudo começou?

RAPAIZ DA PRAIA: Como começou eu não sei. Quando eu vi aquela negrada chegando, saí da água e meti porrada em tudo que era pobre e nordestino. A turma do surf veio me ajudar. Quebramos uns quatro logo de cara. Foi do caralho! Fazia tempo que eu tava a fins de bater em gente do povo. Sabe, não é fácil ser homossexual enrustido. É muita carga... Preciso desferrar em alguém.

REPÓRTER DE TV: Muito obrigada. E o senhor, testemunhou a confusão?

SENHOR: Estava na praia com a minha mulher e os meus filhos, quando esses maconheiros chegaram, tomaram o espaço que é nosso, de quem mora na Zona Sul e paga IPTU. Não consegui me controlar e empunhando o pau da barraca, furei uns dois pelo menos. Minha mulher incentivou meus dois filhos a atacarem os funkeiros que tentavam circular entre o calçadão e o mar. Nessa praia não tem moleza. Já combinamos para domingo que vem, todo mundo vir armado pra queimar uns vagabundos. Posso parecer um canalha por pensar assim, mas fazer o quê?

(Uma moça se intromete na entrevista.)

MOÇA: Isso mesmo! Temos que ser enérgicos com esses favelados. Sou a favor da pena de morte. Tudo que não presta deve morrer. (DEPRESSIVA) Vejam o meu caso: me acho uma merda de pessoa e por isso mesmo já tentei o suicídio duas vezes. Vou tentar a terceira, com licença...

REPÓRTER DE TV: Eu que viajo pelo menos duas vezes por ano para o exterior, sei como é difícil preservar a imagem desse paizinho mal-afamado. Vamos saber daquele turista qual a impressão que ele está tendo da nossa cidade. Você está apavorado, não está?

GRINGO: Tô trincado! Quando começou la bagunça, pensé que era una alucinación, pero después entendi que era realidad. Yo pongo en riesgo mí libertad, só para trazer alegria ao pueblo brasileiro e és así como me tratan acá? Voy cambiar la rota de mí negócios para Argentina ou Panamá. No puedo trabajar nesta inseguridad.

REPÓRTER DE TV: Afinal, qual é o seu tipo de negócio?

GRINGO: Tráfico internacional de maconha, LSD e cocaína.

(Confusão e gritarias com uma senhora)

REPÓRTER DE TV: Vejam essa senhora toda machucada. Como foi isso?

SENHORA: Você nem imagina, minha filha. Quando vi aquele povo chegando gritei "arrastão!" e saímos pegando tudo. Atarraquei na cadeira duns turistas otários, quando veio um viado e tentou tirá-la de mim. Ah, minha filha, virei bicho! "Larga que é minha," gritei e dei-lhe um chute no saco. Ele largou, eu caí no chão e ralei o braço na areia. Mas a cadeira tá aqui.

Repórter de TV: O mais incrível é que o policiamento foi insuficiente para remover da Zona Sul essa juventude violenta e irresponsável que ameaça a nossa soberania. Fiquem ligados, pois voltaremos a qualquer momento com novas notícias sobre essa convulsão social que os funkeiros estão promovendo nas praias de norte a sul do país.

## CENA XXIX - XIII

(Cláudia viu o noticiário na TV e está radiante.)

CLÁUDIA: Caraca! Esse sensacionalismo todo é o que eu preciso para emplacar meu trabalho da faculdade.

### CENA XXX - XIV

(Mãe de Kátia está horrorizada e comenta com a filha.)

Mãe de KÁTIA: Você viu o que aconteceu na praia, Kátia? Milhares de funkeiros assassinos assaltaram policiais, bateram em criancinhas e estruparam senhoras idosas. Deu na TV.

KÁTIA: Tudo mentira, mãe.

Mãe de KÁTIA: Mentira? Tudo que aparece na TV é verdade.

KÁTIA: Não dá pra acreditar muito nessa história, não é?

Mãe de KÁTIA: Você é muito ingênua, minha filha. Este país não é bom lugar pra você. Ano que vem vou te mandar pra Miami, pra civilização. Lá você arrumará um namorado, freqüentará os melhores shoppings, logo casará e ganhará visto de permanência. Será um sonho! Longe dessa selvageria, desse povinho escroto.

KÁTIA: Povinho escroto, é? Pois fique sabendo que eu estou completamente apaixonada por um funkeiro da Zona Norte. Vou encontrá-lo sexta à noite, pela segunda vez. E pra completar: ele é negro!

Mãe de KÁTIA: Ah, Kátia... Deixa de fazer essas brincadeiras comigo... Você devia estudar pra ser atriz. Sabia que tem um curso ótimo lá na ...?

KÁTIA: Vá à merda mamãe!?

Mãe de KÁTIA: Nossa! Por que tanta revolta?

### CENA XXXI - XV

(Luciano encontra a galera da sua rua e é abordado por Ota.)

LUCIANO:Galera, tô precisando falar com vocês.

OTA: Luciano, já sei que tu quase foi chacinado pela galera do outro lado.

LUCIANO:Pô, compade. Nunca corri tanto na minha vida. Por sorte a igreja estava abrindo pra missa e o pastor me escondeu.

Integrante 1: E ainda tem gente que acha que DEUS não existe.

Integrante 2: Deu sorte, hein, irmão?

LUCIANO: Aí, galera, andei pensando e resolvi me juntar a vocês. Topo fazer a parada do concurso, mas com uma condição: que vocês protejam a mim, à minha namorada e à amiga dela nos próximos bailes.

Integrante 3: É isso, irmão...Aaqui só sobrevive quem se une com os amigos...

LUCIANO: Por pouco tempo. Com essa gatinha da Zona Sul, meu futuro está mudando pra melhor. Vocês vão ver: não dou um mês, cês nem vão me ver mais aqui na área...

OTA: Eu também tenho as minhas condições pra você entrar na galera.

LUCIANO: Condições?

Integrante 4: Claro, meu irmão. Agora quem tá precisando de ajuda é você.

OTA: Primeiro: um depósito de 100 merreca pra nossa caixinha.

LUCIANO: Cem reais? É muito!

OTA: Segundo: vai ter que me emprestar o pisante novo, pra eu usar no fim-de-semana.

LUCIANO: Assim é foda... (T) É... Tá legal. Negócio fechado...

### CENA XXXII - XVI

(É sexta-feira à noite e DEUS está no baile. Luciano, Kátia e Cláudia chegam misturados com a galera rua. Avistam a galera do outro lado da linha com seu território tomado. Todos começam a dançar. Kátia aconchega-se nos braços de Luciano.)

LUCIANO: Namorar você está causando a maior inveja nos meus amigos. O meu sonho está quase realizado.

KÁTIA: Quase?...

LUCIANO: Falta só uma coisa: quero ir lá no seu apartamento em Ipanema e fazer sexo com você na cama dos seus pais.

KÁTIA: Puta idéia. (Insinuante.) Semana que vem eles vão viajar...

(Luciano dá-lhe um beijo. Cláudia já está na linha de frente da galera e, junto a Ota, provoca a galera de Cavallo. Xingam-se e trocam desaforos. De repente, toca um funk de sucesso, os ânimos se incendeiam, alguém grita "Vamos invadir" e todos saem na porrada.)

LUCIANO:Esse filho da puta do Cavallo já começou a briga. Mas ele vai ver. Vou acabar com a raça dele.

(Luciano vai atacar Cavallo, quando alguém da galera do outro lado vem de frente apontando o revólver mas é contido por um grito de DEUS. Todos ficam paralisados. DEUS aperta o pulso do integrante que está com a arma até ela cair no chão.)

DEUS: É mais fácil praticar a bondade e a compaixão do que viver nesse sofrimento! Será tão difícil perceber que a Paz se constrói de dentro para fora? Que cada ser é responsável pelo mundo que cria? Não posso mais admitir que as intenções humanas sejam tão vulgares. De agora em diante, a vida não será como antes!

### CENA XXXIII - XVII

(Num rádio sintonizado na rádio funk, ouve-se o locutor.)

D.J.: Sexta-feira é dia de baile no Clube Vila Verde, que está sendo considerado o mais pacífico do Grande Rio. Todos formam uma única galera e festejam até o sol raiar. Pode ir sem medo, pois esse baile vai mexer com a tua alma.

(Instrumental funk emoldura os depoimentos a seguir.)

ODÍLIA:Errar é humano. Por isso devo reconhecer que me faltava coragem para ser eu mesma e não uma máscara para a sociedade.

Tereza: Depois que houve aquele "Baile do Milagre", como a galera costuma chamar, resolvemos ir ver de perto, nos entrosar com eles, ao invés de ficar rolando insones na cama.

ODÍLIA:Afiml nós também somos filhas de DEUS, temos o direito de nos divertir, não é?

Tereza: Transformamos nossas fantasias reprimidas em realidade. Odília já se deu bem. Encontrou o homem de sua vida.

ODÍLIA:(Caminha até o dono do clube.) Ele me bate todas as noites, olha o meu estado. (Mostra os machucados.) Sou louca por ele.

Dono do clube: (Dá seu depoimento.) Te amo. (Dá um tapa nela.) Essa mulher mudou a minha vida. Ando fazendo coisas que nunca imaginei fazer. Por exemplo: comecei uma reforma de vedação acústica na quadra, para preservar o sossego da vizinhança. Todos tem os seus direitos. Também resolvi abrir as portas do clube para reunir as galeras durante a semana e trabalhar em auxílio à comunidade do bairro. Os meninos são sangue bom!

(As galeras confirmam.)

OTA: Selamos a paz e formamos uma única galera funk.

CAVALO: Vamos mostrar que funkeiro não é bandido. Até a polícia é bem vinda pra participar da festa.

ASSESSOR DE IMPRENSA DA POLÍCIA: Estamos surpresos com o maravilhoso trabalho que estão desenvolvendo. Gostaríamos de aplicar essa experiência de não-violência aqui dentro da Corporação. Se os funkeiros conseguiram, temos que seguir o exemplo. O Comando ficou muito impressionado com as propostas contidas no livro daquela jovem jornalista...

(Cláudia mostra o exemplar do seu livro publicado.)

CLÁUDIA: Quem diria? (Mostra o livro com o título " Funk-se" ) Segunda edição!

(Dá um exemplar pra mãe de Kátia.)

MÃE DE KÁTIA: Foi um golpe profundo ter que casar a filha grávida com aquele favelado funkeiro. Meu marido quase morreu de desgosto e vergonha. Justo eu, que tanto pedi a DEUS um bom futuro em Miami para a Kátia. Mas tenho que me conformar. Afinal, o rapaz é trabalhador e a "criança" é o meu primeiro negrinho...quero dizer, netinho. Na vida nem tudo acontece como se planeja e, se Kátia está feliz, o resto o tempo cura.

(DEUS ampara Kátia, que amamenta um bebê, e faz sua última revelação.)

DEUS: EU SOU O SOM, EU SOU O RITMO, EU SOU O FUNK!

**F I M**



## **Funk-se**

Texto de Rogério Blat

### **Obs.**

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato do Autor: [blat.rlk@terra.com.br](mailto:blat.rlk@terra.com.br)

Contato CBTIJ: [cbtij@cbtij.org.br](mailto:cbtij@cbtij.org.br)

### **Informações sobre o texto:**

Este texto foi escrito a partir da Oficina de Criação de Espetáculo, iniciada em março de 1994 no Centro Cultural Cândido Mendes e desenvolvida e produzida no Centro de Artes Calouste Gulbenkian. Estreou em dezembro de 1994, no Teatro do Centro de Artes Calouste Gulbenkian e reestreou em 07 de abril de 1995 no Teatro da Praia, Rio de Janeiro.